OITAVAS RECITADAS EM PLYMOUTH

NO DIA 30 DE JUNHO,

Em que os Portuguezes alli estancionados cheios do maior enthusiasmo se offerecêrão para vir a Portugal, em consequencia da noticia da gloriosa insurreição das Provincias do Norte contra o inimigo commum.

QUE DEDICA E CONSAGRA

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

MARQUEZ DO LAVRADIO,

D. LUIZ DE ALMEIDA,

VERDADEIRO PATRIOTA,

SEU AUTHOR

JOAQUIM JOSE' DE ALMEIDA,

Official da Leal Legião Lusitana.

55

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1809.

Com Licença.

. . . O ter, quaterque beati
Queis ante ora Patrum; magnae sub moenibus urbis
Contigit oppetere . . .

Virg. Aeneid. liber. 1.

LEitor benigno, não he o desejo de estampar meu nome á testa de huma obra, o que me obriga a dar á luz pública as presentes oitavas; bem sei quanto he difficil satisfazer dignamente o assumpto a que nellas me propuz, mesmo pela sua vastidão e sublimidade; não ignoro que o convidar hum Povo, e movello a grandes coisas, era huma empreza só digna da eloquencia dos Ciceros, e dos Demosthenes: longe de persuadirme de que eu era hum Orfeo, eu estava pelo contrario inteiramente convencido do immenso espaço, que mediava entre mim, e o Parnazo; inflammado todavia pelo mais vivo enthusiasmo, pelo imcomparavel patriotismo, que vi manifestar-se em todos os corações Portuguezes, apenas se publicou em Plymouth a nova da gloriosa insurreição do Porto, e Provincias do Norte, e persuadido do mais nobre sentimento de vir cooperar com elles para a liberdade da Patria, me deliberei a entreter algumas horas de descanço na referida composição, sem a menor intenção de a dar ao Prelo; mas as súpplicas, e repetidas

instancias de alguns Amigos, que exigião de mim copias (que nunca jámais se conservão fieis) me decidírão a publicalla antes, para assim satisfazellos. São pois, sabio Leitor, estas as razões unicas, por que exponho á luz pública esta pequena producção poetica, certo da vossa benevola contemplação, e de que na vossa estima, e consideração acharei hum seguro asilo contra a mordacidade dos Zoilos.

OITAVA I.

VOai, Lusos, voai da Patria aos muros,
Esta he da Gloria a verdadeira estrada,
Dai ao Mundo os mais claros, e seguros
Testemunhos da honra costumada;
Fazei tremer de vós os vis prejuros,
Q'em vis cadeias tem a Patria amada;
Veja o Mundo outra vez zombarda morte
Albuquerque terrivel, Castro forte.

II.

A Patria he quem vos chama, a Grão Lisboa,
Essa dos Mares inclyta Rainha,
Cujo Nome immortal Fama apregoa,
Oppressa geme, misera, e mesquinha;
Seu magoado suspiro ao longe soa,
Em vez das finas perolas que tinha,
Cingem-lhe o collo, c'o mais feio engano,
Ferros lançados por hum vil Tyranno.

III.

Ninfa, filha do Ceo, tu que inflammaste
Do divino Camões a fertil mente,
E mil estranhas vias lhe mostraste
Para eterna fazer de Luso a Gente;
Ah! não perterdo o Loiro, com que ornaste
Do respeitavel Vate a illustre frente,
Só permite que eu falle ao mesmo Povo,
Assumpto he de ti dino, augusto, e novo.

IV.

Depois de exterminar dos Patrios Lares
Essa turba infiel, que os innundava,
A ferro, e fogo destruir altares,
Q'á superstição negra consagrava;
O Reino dilatar além de Mares,
Q'inda estranha Nação não navegava,
Ha de este Povo supportar hum jugo,
Q'um despota lhe forja, seu verdugo?

V.

Não, frescos inda existem na memoria
De seus Maiores os illustres feitos;
Inda se louvão com respeito, e gloria,
Desses filhos de Marte os fortes peitos;
Dio nos mostra nos annaes da Historia
Do mais alto valor gratos effeitos,
Inda assombrão mil Nomes singulares
D'Africa as Terras, d'Oriente os Mares.

VI.

Povo d'Heroes, que no nascente Imperio
Mil trofeos, mil victorias alcançaste,
E disto não contente outro Hemisferio
Ao antigo com gloria accrescentaste;
He possivel se troque em vituperio
Tanta prova d'amor, que nos deixaste?
Ah! não, os Lusos são Lusos honrados,
Filhos dignos de taes Antepassados.

VII.

Templo da Gloria magestoso, augusto,
Habitação d'Heroes, d'Heroes preclaros,
A cada Luso Fama erige hum busto
Em teu recinto, como a filhos caros;
Em quanto elles, no sacro empenho justo,
Dão-nos d'alto valor exemplos raros,
De tal sorte, que soffra o mór castigo,
Esse dos seus, e estranhos inimigo.

VIII.

Sim, Lusos, os momentos venturosos
Da Olympica morada á terra descem,
São dadiva dos Ceos, dos Ceos piedosos,
Que dos tristes mortaes jámais se esquecem;
Bem que castigos forjem justiçosos,
Elles dos nossos males se internessem;
Prestes vão a cumprir-se essas d'Orique
Promessas feitas ao piedoso Henrique.

IX.

O monstro do Cocyto vomitado
Para horrivel flagello dos humanos,
Esse de infames crimes resultado,
O mais abominavel dos Tyrannos,
Já tem mais sangue ao Mundo derramado,
Que quantos Gregos, Persas, e Romanos;
E não contente d'opprimir a Terra,
Até ao mesmo Ceo provoca a guerra.

X.

Mas qual nevoa em manhã serena, e fria,
Que prompta se dissipa, e se evapora,
Assim que em carro d'oiro o Author do dia
Saudoso sahe apoz da rôxa Aurora;
Ah! tal o Corso, a cuja aleivosia
Deve Europa os grilhões, que arrasta agora,
Do Throno mal seguro ha de abysmar-se,
E no seio do Averno sepultar-se.

XI.

Sagrado Pavilhão da liberdade
Já sobre erguidas grimpas apparece,
Do farol da razão a claridade
Outra vez sobre nós benigna desce,
Da negra escravidão a atrocidade
Jámais Austria zelosa desconhece,
Ella corre ao combate; e o Hispano forte
Não manda o raio, que não mande a morte.

XII.

Impavido semblante ostenta o Doiro
A' vista de Loison, que infurecido
Se apressa a saciar de sangue, e d'oiro
O peito á compaixão jámais movido;
Arranca-lhe da fronte o verde loiro,
Fa-lo fugir á morte espavorido,
Assim que os filhos seus ás armas chama,
Arvora as Quinas, o Monarca aclama.

XIII.

Ao nobre exemplo denodado Minho,
Trasmontanos fieis, illustre Beira,
Livre da prole infame o Patrio ninho,
Fizerão tremular Real Bandeira;
Da magnanima acção quasi advinho,
E tendo em pouco a gloria derradeira,
Toma o Algarve a mais cabal vingança
Dos que hão tentado desthronar Bragança.

XIV.

Lançai mão do momento favoravel,
Que a fortuna comvosco menos dura,
Hoje offerece; mas vêde que mudavel
Ella troca o favor em desventura,
Se fugitivo instante apreciavel
Mortal incauto aproveitar não cura;
Ah! não se perca o importante preço
D'um tão brioso, tão feliz começo.

XV.

Do Soberano Poder depositario,
Sabio Ministro, justo, e compassivo,
Da Patria, e do dever fiel sectario,
A's vossas precisões jámais esquivo,
Abrindo as portas ao Real Erario,
Vossa virtude approva, e sempre activo
Seu zelo emprega para em nosso abono
A perfidia opprimir, suster o Throno.

XVI.

Poderoso Albion, sacro alliado
Do que rege de Luso a Monarquia,
A quem Neptuno respeitoso ha dado
Quanto Imperio domina Thetis fria,
Tendo exicio fatal d'antes jurado
Do monstro infame á infame tyrannia,
Vendo em vós ultrajar-se a fé mais pura,
Tres vezes de vingar-vos ao Ceo jura.

XVII.

Circunspectos, fieis aos juramentos,
Sabios, humanos, gratos, generosos,
Célebres na paz por mil inventos,
Na guerra por mil feitos gloriosos,
Das lides dos amigos nunca isentos,
Nunca de seus thesoiros cobiçosos,
Este o caracter, a maneira, e lei
Da Britanica gente, e do seu Rei.

XVIII.

Quaes do ceruleo Imperio tutelares,
Nos nadantes baixeis nunca vencidos,
Parecem demandar os mesmos ares,
No meio das tormentas atrevidos,
Os mais remotos impolados mares,
Ouvem dos seus trovões os estampidos,
Mostrando do Universo em qualquer parte
De Minerva o saber, valor de Marte.

XIX.

Vêde, ó Lusos, se a par de taes amigos,
E do proprio valor acompanhados,
Jámais podeis temer fracos inimigos,
Só d'astucia, e de feio engano armados;
Voai por entre os bellicos perigos
Ao regaço da gloria accelerados,
E d'um golpe fazei, erguendo os braços,
Da Patria as vis cadeias em pedaços.

XX.

Já dos montes, e praias accenando
Ao som das vozes turba está contente,
A's Náos, q'armas, e gente vão levando
Por mandado do Rei sabio, e potente;
O Téjo a fronte hirsuta levantando
Dos pejados baixeis ao pezo ingente,
Risonho o gesto exclama, liberdade,
Ao vêr undivagar huma Cidade.

XXI.

Das Tagides do Principe saudosas,
Do Principe benino, que as amava,
Nas solitarias grutas cavernosas,
Inda ha pouco o gemido se escutava;
Mas apenas o Pai as fez mimosas
De quanto o fado em nosso abono andava,
Já de tristes alegres se tornárão,
E mil hymnos ao Ceo gratas mandárão.

XXII.

Apressai-vos a pôr hum sello eterno
A' liberdade antiga Lusitania,
Embora se conjure o negro Averno
Em roubar-vos esta honra soberana,
Veja o futuro compassivo, e terno
Vossa historia com gosto á Patria ufana,
Rubriquem com seu sangue os patrios muros
Infames Gallos, já que são prejuros.

XXIII.

Se qual enchente de soberbo rio
Q'imm nsos campos n'um momento alaga,
Vier o monstro accezo em novo brio
Por vêr que a fama sua Luso estraga,
Sem m nchar vosso rosto o medo frio,
(heios d'ardor, que em vós jámais se apaga,
Ou vencei, ou morrei; e aprenda o mundo,
Que assim doce he viver, morrer jucundo.

XXIV.

Mas que! indá d'Europa o tigre horrendo,
Para estrago total da humana gente,
Incolume fará dolos tecendo
Por mais tempo correr sangue innocente!
Os Reinos em desertos convertendo
Tranquillo inda verá do Continente
Os campos de cadaveres juncados,
Os rios em purpurea côr mudados!

XXV.

Ah! não, sendo fatal sua existencia
A tudo quanto habita este planeta,
D'um Deos seria barbara inclemencia
A' carreira do monstro o não pôr meta;
Graças á sua eterna Providencia,
Graças á sabia Mão, que assim decreta,
O Ceo he justo, o Ceo não póde amallo;
E nem já por mais tempo supportallo.

XXVI.

Já do futuro o denso véo rasgando,
Vejo voar das praias d'Ullisséa,
Vossos sublimes feitos pregoando
Por cem bocas a Deosa Gigantea,
Nomes á Lysia caros memorando,
Eu a oiço exclamar d'assombro chêa:
Os Lusos inda são, quaes seus Maiores,
Patriotas, terriveis, vencedores.

XXVII.

Lá onde o Sol repousa no Oceano
Vejo assomar das ondas destemido
Gigante audaz, no gesto soberano,
Na disforme estatura desmedido,
O cinto a par das nuvens vê-se ufano
D'oiro, e vistosas plumas guarnecido,
Brilhão n'aureo cocar, bem que distantes,
Quaes estrellas os rigidos diamantes.

XXVIII.

Nas mãos robustas com prazer sustenta
Solio Real, que respeitoso adora,
E com voz mais terrivel que tormenta
De funestos naufragios precursora,
A' Deosa que veloz se lhe apresenta,
Assim fallou: Qualquer que seja embora
Vosso annúncio, sabei que não me aterra,
Nem discordia fatal, nem crua guerra.

XXIX.

Este que vês deposito sagrado,
Que saudosa Ullisséa de mim fia,
Fielmente por mim verás guardado
Cheio de gosto, cheio d'alegria;
Se algum louco mortal, mortal ousado
Roubar-mo pertender inda algum dia,
Verás que no transporte violento
Sabe o Brazil punir atrevimento.

XXX.

Surrio-se a Fama, e a tuba sonorosa
Empunhando cantou desta maneira:
O berço illustre da Nação famosa,
De cujo alto valor fui pregoeira,
Quebrando os ferros da prizão dolosa,
A ti me envia alegre mensageira:
Por mim ouviste a causa do seu pranto,
Por mim hoje ouvirás a do seu canto.

XXXI.

As Aguias que ha bem pouco empavezadas
No Germanico sangue se banhárão,
Q'ao Vistula de loiros coroadas
O carro da victoria transportárão,
Já do Luso, do Hispano amedrontadas
Vergonhosa fugida em vão tentárão,
Ao vêr que não he fabula illusoria
O quanto delles conta a larga Historia.

XXXII.

Envolta em fumo eu vi a negra morte
De fileira em fileira accelerada,
Sem reserva arrancar d'um mesmo córte
Vida nefanda, vida em tudo honrada;
O Britano valente, o Luso forte,
Os olhos chammejando, a côr mudada,
Quaes Leões no conflicto se mostrárão,
Até q'alta Victoria em fim ganhárão.

XXXIII.

Nuvem densa occultou scena brilhante;
Nada mais foi de mim apercebido,
De quanto disse a Fama ao Grão Gigante
Sobre o Reino de Marte tão querido.
Não julgueis que fatidico Bacante,
O' Lusos, eu vos tenho hoje illudido,
Em vós eu li valor, li ardor puro,
Quem lê nos corações, lê no futuro.

FIM.